

NÚCLEO ESPÍRITA FRANCISCO DE ASSIS

TEXTO PARA O SEMINÁRIO 2025

Parábola dos três ventos

Por Marcone Rodrigues Marques

No alto de uma montanha antiga, onde a névoa se deitava sobre as pedras como um véu de ternura, havia um vilarejo chamado Vale Sereno. Ali, as manhãs nasciam devagar, como quem ora. As águas corriam com rumor de bênção, e a vida seguia em paz. Mas, de tempos em tempos, ventos estranhos rondavam o vale, silenciosos e pacientes, aguardando um coração desatento.

O Sussurro que se instala (o vento da obsessão simples)

O primeiro vento chegou leve, quase ingênuo, como uma visita que se julga inofensiva. Caminhava atrás de Yātrika (buscador em jornada), um jovem sonhador do vale, roçando-lhe a nuca com um frio discreto.

Era um vento que não gritava. Sugería.

Trazia pequenas inquietações: o incômodo sem motivo, a irritação que brota sem raiz, o pensamento repetitivo que retorna como um eco.

Yātrika acordava pesado, com um cansaço que o sono não curava. A memória falhava em pontos simples. A alegria, antes espontânea, tornava-se tímida. Ele ainda era ele mesmo — mas enfraquecido, vulnerável, como alguém vivendo à sombra de si.

Esse era o primeiro sinal: a alma começava a perder o próprio ritmo.

O Encanto que enreda (o vento da fascinação)

Com o passar dos dias, o vento mudou de voz. Já não era um sussurro — era um discurso. Falava-lhe ao ouvido com doçura enganosa, oferecendo certezas absolutas com a sedução de uma promessa.

Yātrika passou a acreditar que aquilo que o vento dizia era seu próprio pensamento. Sentia-se iluminado, singular, elevado acima dos demais. Os avisos dos amigos lhe pareciam inveja; os conselhos, interferência; os afetos, peso.

A fascinação cegava suavemente: confiança exagerada em si, desinteresse pelas coisas simples, convicções súbitas e inflexíveis, isolamento mascarado de “superioridade”.

O vento não precisava empurrar — bastava ser admirado. E Yātrika, encantado, seguia-o sem perceber que, ao admirar o vento, desaprendia a ouvir o próprio coração.

A Tempestade que invade (o vento da Possessão)

Numa noite sem estrelas, o vento mostrou sua verdadeira face. Deixou de circular ao redor e passou a habitá-lo por dentro. O olhar de Yātrika perdeu profundidade. Seus gestos, antes gentis, tornaram-se bruscos, estranhos ao seu caráter.

A emoção oscilava como mar revolto. Irritabilidade súbita. Medo sem forma. Impulsos que não reconhecia. Vontade de fugir, mesmo sem destino. E, por vezes, vazio — um silêncio sufocante.

O vento tomara o leme.

Yātrika não era mais conduzido por sua própria vontade. Era tripulante de um corpo onde outro vento comandava as marés internas.

Os moradores do vale, impotentes, recolhiam-se em prece, temendo pela vida luminosa daquele jovem que agora lhes parecia distante, como se morasse atrás de um vidro escuro.

O Sábio da Montanha: A Luz que Não Se Impõe

Quando o desespero ameaçava tomar o vale, um velho mestre desceu das alturas onde meditava há décadas. Trazia consigo três amuletos: **silêncio, oração e disciplina da alma**.

Não enfrentou o vento. Não levantou a voz. Sentou-se ao lado de Yātrika, como quem se senta ao lado de um ferido. Levantou-o com suavidade para caminharem até o riacho. Mandou que ouvisse o canto da água — som que nenhum vento conseguia imitar. Ensinou-lhe a respirar para dentro e para cima, como quem acende uma lamparina interior.

Pedi apenas uma prática simples todos os dias: um gesto de bondade, um pensamento de gratidão, um minuto de silêncio verdadeiro.

A luz que nasce devagar não assusta. Mas desfaz as sombras.

O vento da possessão começou a perder força. O da fascinação calou-se diante da lucidez crescente. O da obsessão simples — tímido como veio — recolheu-se à distância, incapaz de manter-se onde a alma se fortalecia.

A Cura: Retorno à Casa Interior

Yātrika voltou a reconhecer o sabor das manhãs. O olhar ganhou profundidade. A mente recuperou serenidade. Descobriu que nenhum vento é soberano sobre um coração que aprende a vigiar, a orar, a cultivar o bem e a cuidar de si com disciplina suave.

Antes de voltar ao alto da montanha, o mestre deixou-lhe apenas uma última frase: “Os ventos das sombras sempre soprarão, mas a alma que retorna diariamente à própria luz não se deixa carregar — apenas se curva e permanece.”

E assim o Vale Sereno aprendeu que a cura é sempre possível, mesmo quando a noite parece longa: a luz não precisa ser violenta para vencer.

Basta perseverar.